

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 3

Tomo I



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 2000

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 3 – Dezembro de 2000

Director:

Carlos Reis

Director Executivo:

Sebastião T. Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas
Faculdade de Letras
P-3000-447 Coimbra Codex
Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida
Rua Tenente Valadim, 231/325
P-4100-479 Porto
Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES



ÍNDICE

Tomo I

CARLOS REIS – Apresentação.....	9
E. M. DE MELO E CASTRO – NU no NU.....	11
VIRGÍLIO DE LEMOS – POESIA hoje.....	15
ÂNGELA VAZ LEÃO – Questões de linguagem nas <i>Cantigas de Santa Maria</i> , de Afonso X.....	21
DAVID BROOKSHAW – Entre o real e o imaginado: o Oriente na narrativa colonial portuguesa.....	33
FRANCISCO FERREIRA DE LIMA – Paraíso e Inferno na Bahia de Gabriel Soares de Sousa.....	43
K. DAVID JACKSON – Ruínas de Império: a cidade-fortaleza de Chaul..	55
LÉLIA PARREIRA DUARTE – <i>Os Lusíadas</i> , de Camões, e a <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto: diferentes perspectivas das portuguesas viagens?.....	67
JOÃO ADOLFO HANSEN – Ler & Ver: Pressupostos da representação colonial	75
MARIA HELENA D. T. C. UREÑA PRIETO – Astrolatria e astrologia em Portugal nos séculos XVII e XVIII.....	91
MARIA JOSEFA POSTIGO – Os provérbios de <i>Don Quijote de la Mancha</i> nas Traduções em Português.....	101
XOSÉ MANUEL DASILVA – Anticastelhanismo e Sebastianismo nas traduções espanholas do <i>Frei Luís de Sousa</i>	117

ANNE-MARIE PASCAL – A abolição da escravatura e o teatro português (XVIII-XIX) – A polémica, o exemplo, e a utopia	127
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE — O olhar de uma viajante brasileira: Nísia Floresta.....	141
BERTHOLD ZILLY – A reinvenção do Brasil a partir dos sertões: viagem e literatura em Euclides da Cunha.....	149
LUCETTE PETIT – Machado de Assis à “Roda da Vida”: Das <i>Memórias</i> <i>Póstumas</i> ao <i>Memorial de Aires</i>	161
CARLOS ALBERTO PASERO – Reflexos no Oriente: aristocracia e indus- trialização n’A <i>Relíquia</i> de Eça de Queirós	171
PAULO MOTTA OLIVEIRA – Fradique Mendes: Eça, a heteronímia e o vencidismo.....	185
REGINA ZILBERMAN – De <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> a <i>Grande</i> <i>sertão: Veredas</i> – o demônio em viagem.....	195
LEYLA PERRONE-MOISÉS – Cesário Verde: um “astro sem atmosfera”? ...	217
ANNA KLOBUCKA – Fernando Pessoa, o poeta amoroso? Fragmentos de um discurso	227
MARIA IRENE RAMALHO DE SOUSA SANTOS – Interrupção poética: um conceito pessoano para a lírica moderna.....	235
MÓNICA ELENA SERRA HÜGLI – Escritas de leituras na poética de Drummond	255
ANA PAULA FERREIRA — O conto da mulher nos anos quarenta	265
ANA SOFIA GANHO – Luiza Neto Jorge: <i>Ekphrasis</i> e Iconotexto	277
CLÁUDIA PAZOS ALONSO – Do centro e da periferia: uma re-leitura de <i>Laços de Família</i>	287
RUTH SILVIANO BRANDÃO – A nau catrineta: velhas receitas, novos sabores.....	301
ISABEL PIRES DE LIMA – Concertos/Desconcertos: arte poética e busca do sujeito na poesia de Ana Luísa Amaral.....	307
LÚCIA CASTELLO BRANCO — Por graça da textualidade.....	319
ANA PAULA ARNAUT — <i>O Delfim</i> : silêncios inquietos.....	333
ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS – <i>Todos os Nomes</i> ou uma viagem pelos labirintos da cidade na busca do nome que cada um tem	341

Tomo II

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO – O futuro do passado: <i>O Ano de 1993</i> de José Saramago.....	351
VERA LÚCIA CASA NOVA – Fragmentos de um itinerário amoroso: Saramago, <i>Viagem a Portugal</i> (1981).....	363
ANNA KALEWSKA – As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio.....	371
MARIA LÚCIA DAL FARRA – De Pedro a Paula: um caso de amor de Helder Macedo.....	389
MÓNICA FIGUEIREDO – O corpo, esta casa no mundo: a propósito de <i>Pedro e Paula</i> de Helder Macedo.....	401
MARIA THERESA ABELHA ALVES – A peregrinação iniciática de Barnabé das Índias.....	411
MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS – <i>Cavaleiro andante</i> : identidade nacional e o processo de dispersão do ser português.....	419
VILMA ARÉAS – Além do princípio da superfície: <i>O filantropo</i> , de Rodrigo Nunes.....	429
CHRISTOPHER F. LAFERL – O clichê da terra: a Bahia de Dorival Caymmi.....	441
JOSÉ MARIA PEDROSA CARDOSO – Da especificidade da música sacra portuguesa nos séculos XVI e XVII.....	451
MARIA DO AMPARO CARVAS MONTEIRO – Polifonia aquática.....	467
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA – Lusofonia: mentiras e realidade....	475
ANTONIO CANDIDO – Livros e pessoas de Portugal.....	483
MARIA ARMANDINA DA CRUZ MAIA – Pátria, uma trajectória de deriva..	493
BEATRIZ RESENDE – Imagens da exclusão.....	509
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – Terra morta e outras terras: sistemas literários nacionais e o macrossistema literário da língua portuguesa.	523
RUSSELL G. HAMILTON – A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial.	537

TANIA FRANCO CARVALHAL – De mar a mar: entre viagens nas literaturas portuguesas e brasileiras	549
ETTORE FINAZZI-AGRÒ – Geografias da Memória. A Literatura Brasileira entre História e Genealogia	557
ERMELINDA GALAMBA – Ser português na China	569
GERHARD BRUNN – Comunicação intercultural entre Europa e Brasil: a contribuição de Johann Moritz von Nassau-Siegen (1637-1644)....	579
MICAELA GHITESCU – Cultura luso-brasileira na Roménia	589
BENJAMIM PINTO BULL – Senghor, o Brasil e Portugal: alguns marcos culturais lusófonos	597
RENATO CORDEIRO GOMES – Cidade e nação na narrativa brasileira contemporânea: uma guerra de relatos.....	609
ARMANDO JORGE LOPES – Em direcção ao primeiro léxico de usos do português moçambicano	621
ENEIDA DO REGO MONTEIRO BOMFIM – Que tratamento dar ao Rei?.....	633
MARIA HELENA MIRA MATEUS – A Face Exposta da Língua Portuguesa.	647
MICHEL LABAN – Reflexões sobre a elaboração de um inventário das particularidades do português de Moçambique através da literatura	655
TOM EARLE – O ensino do português nas universidades britânicas	665
SOLANGE PARVAUX – O ensino da língua portuguesa no segundo grau em França.....	671
MARIA JOSÉ MOTTA VIANA e ADRIANA CASTILHO — “A coisa melhor do mundo”: o tempo e o modo de um discurso	687
EVANILDO BECHARA – Herculano de Carvalho: In Memoriam (1924-2001).....	693

APRESENTAÇÃO

O número da revista *Veredas* que agora se publica contempla, nos seus dois tomos, algumas das mais significativas participações no VI Congresso Internacional de Lusitanistas.

Culminando uma dinâmica de crescimento que importa registar, o VI Congresso foi um momento privilegiado de encontro dos lusitanistas de todo o mundo. No Brasil, grande país onde a Língua Portuguesa constantemente se renova e afirma como fecundo e singular idioma de cultura, em Agosto de 1999, o VI Congresso permitiu evidenciar o potencial agregador da Associação Internacional de Lusitanistas, graças também ao culto de uma diversidade – de disciplinas, de temas e de orientações metodológicas – que constitui, só por si, um importante capital de investimento científico e cultural. Professores, investigadores e escritores de diferentes nacionalidades, gerações e formações, fizeram do VI Congresso um momento de reflexão conjunta, plural e aberta, como devem ser os congressos científicos; a congregar todas as participações, a consciência comum de que a Língua Portuguesa é, ao mesmo tempo, veículo de estudo e tema de indagação, nos diferentes países e universidades em que as culturas e as literaturas de expressão portuguesa são pólo de agregação de estudiosos e de unidades de investigação e de docência.

Os dois tomos do número 3 de *Veredas* traduzem muito do que acima fica dito. E o que neles se encontra – a par do que será ainda publicado, em edição electrónica – ficou a dever-se à capacidade motivadora e organizativa da equipa que deu corpo ao VI Congresso, sob a liderança de Cleonice Berardinelli, a quem, com justiça e propriedade, alguém chamou um dia “aula magna da literatura portuguesa”.

Publicar os textos que se seguem, nestes dois tomos, é também uma forma de homenagear a comissão organizadora do VI Congresso.

Este é o primeiro número de *Veredas* da responsabilidade da direcção eleita no congresso do Rio de Janeiro. E neste número, o que com *Veredas* se pretende é justamente dar a continuidade merecida ao trabalho dos anteriores corpos directivos, na certeza de que assim se consolida a Associação Internacional de Lusitanistas e se reforça a razão de ser da sua existência.

Tal como aconteceu com os dois números anteriores, também este é publicado graças à generosidade da Fundação Eng. António de Almeida. Por isso mesmo, deve aqui ser prestada, na pessoa do Doutor Fernando Aguiar-Branco, a justa homenagem de gratidão que as circunstâncias justificam.

CARLOS REIS

POESIA hoje

VIRGÍLIO DE LEMOS

Moçambique, escritor

Antes de entrar no tema de minha intervenção quero homenagear a poesia brasileira. E não o farei lendo poemas de poetas que sempre adorei e me marcaram, como Manuel Bandeira, Drumond e João Cabral, mas dois fragmentos de um poeta jovem que se acha entre nós e cujo último livro acabo de ler.

Trata-se de *Entre Nervuras* de Marco António Saraiva (Ed. Sete Letras, Rio de Janeiro, 1995):

A PARÓDIA

Capturado pelo não
captado
espiado pelas pálpebras
da paisagem
permutado a poema parnaso
o poeta é parodiado
pela sua poesia.

E um outro que Marco António dedicou a João Cabral:

Procuro a poesia à beira de um rio seco
com petrificadas palavras na erosão
da língua
como sílabas aradas pelo sol
como fundo no poema

seu cascalho de pedras tónicas
 e seixos átonos
 no entreleito onde a própria margem
 se caminha
 em sua sintaxe branca inavegável.

A poesia hoje, final do milénio, não perde inteiramente sua vitalidade, mas desaparece da televisão, se vai tornando mais confidencial e fico com a impressão que ela tem tendência a desaparecer face ao grande público.

Diante da programação para entreter, fazer esquecer agruras do quotidiano, e por indiferença geral do “homem novo” criado pelo capitalismo contemporâneo, o “accionista consumidor”.

Marginalizada, como se me afigura, ela poderá mesmo se ver forçada à clandestinidade diante das novas estratégias do sistema actual.

Poesia hoje, e globalização no final do milénio

Fala-se da globalização – fenómeno da economia mundial – como de um fato consumado e que a preparação dos espíritos se vem fazendo para acelerar a entrada numa nova fase do supracapitalismo.

Sol e chuvas, acidentes nas estradas de França continuam a ceifar vidas vertiginosamente. Timor Leste e suas populações de novo viveram horas trágicas. Dentro e fora a luta pelo controlo do poder persiste entre superpotências mundias e regionais. Kosovo, horrores e massacres, depuração étnica que muda de sinal, a vingança dos albaneses contra sérvios. Entre os próprios movimentos apostados na luta interna pelo poder. Rússia não hesita em atacar seus ex-satélites tetchenos e outros. No Afeganistão o poder islâmico integrista infringe os direitos da mulher, que é punida severamente ante a passividade de uma ONU agindo num esquema inaceitável.

As pessoas, na vertigem de fugir ao stress de seus empregos – onde a rentabilidade é a primeira exigência – e ao stress do quotidiano das grandes cidades, tendem a perder seu sentido de responsabilidade e dos perigos da vertigem nas autoestradas de França e da Europa.

Eclipses vários, de sexualidade e sexo, convertidos também em corrida, competência e técnica do “mais-gozar” característico do hedonismo contemporâneo.

Mas poucos defendem o direito que cada um de nós deveria ter de ser dono de seu próprio corpo. Da liberdade total de dele nos servirmos como desejarmos, sem dar contas à sociedade, mas no respeito da sexualidade e do sexo dos outros.

Feito este retrato caricatural da crise que se atravessa aqui e lá fora, com um ar de que tudo vai bem, entro, sem mais delongas, no prazer da leitura e do papel da poesia, hoje.

Quem se preocupa nos últimos tempos com o prazer? Quem persiste em editar e quem entre os leitores consome poesia, senão um punhado de indivíduos dos meios libertários, pelo menos em França?

Deixaram de existir as bases sociais que existiram no séc. XIX, quer seja a burguesia ou o proletário clássicos.

Certamente que esse fenómeno existiu nos países da Europa Central até ao fim do comunismo, a queda do muro de Berlim e a desintegração da URSS. Recordo que VaclaHavel não voltou a escrever nenhuma peça de teatro e nunca mais escreveu seus ensaios, onde ele critica também capitalismo de estado ou neo-liberal. Ora, quando ele “critica” esta critica, limita-se a uma mera protestação moral ou ética, mais VaclaHavel entrou, como a grande maioria dos intelectuais europeus, latino-americanos, africanos e outros, numa situação de conformismo, de aceitação das transformações do sistema, tal qual o neo-liberalismo o conceptualizou e pretende aplicar à escala mundial.

Assim, podemos dizer que a poesia neste final de século se produz no meio de uma indiferença geral de indivíduos alienados, quer seja por razões do emprego ou do desemprego (isso depende da posição social que cada qual ocupa nas relações sociais de produção) ou, se é dirigente de empresas, pela competitividade ou o lucro. A poesia está, pois, a anos-luz das preocupações dos indivíduos ultra-socializados pela “cultura” do “laissez-faire”.

Ela vive uma época delicada. A poesia atravessa, nas últimas duas décadas, uma crise grave de que muitos não se aperceberam. Ela deixa de ser um diálogo polémico entre mundo subjectivo e radi-

cal do poeta, a constituição íntima do sujeito e os problemas sociais nos quais se debatem os cidadãos.

Com a sociedade produtivista e consumista, entrámos numa época em que os impérios coloniais e as ditaduras à maneira antiga, militares ou não, são substituídas por democracias ditas da transparência. Mas onde o grande ditador passou a ser o controlo dos media, a censura da Informação, o pensamento único, o politicamente correcto, a dominação dos especialistas.

Entra-se, pois, antes de chegarmos ao ano 2000, num sistema de valores dominado pela uniformização consumista, numa globalização que procura esconder um fenómeno de conformismo generalizado: todos os valores do passado que ainda mantinham, apesar de todos os conflitos, violentos ou não, o rosto humano das sociedades, têm sido despersonalizados ao máximo.

Vivemos uma nova traição dos intelectuais alinhados na sua quase totalidade pela globalização mundial.

A subjectividade, se ela persiste ainda, torna-se trágica, imponente a transformar o mundo e a sociedade, deixando-se embarcar na deriva nihilista, por vezes.

O individualismo sem subjectividade própria é colocado ao serviço da reprodução do sistema supracapitalista.

O ataque frontal contra a subjectividade particular (esta aparece como uma sorte de «anomalia selvagem» a domesticar de urgência) dos indivíduos se vem fazendo num mundo de conformismo generalizado... A internet penetra a própria introspecção individual.

Estes últimos anos os valores humanistas herdados do passado revolucionário começam a ser massivamente substituídos por valores meramente mercantis.

Os estados de direito tendem a ser regidos por estratégias económicas totalmente contraditórias com a exigência política de uma “comunidade de iguais” que constitue a parte mais radical da revolução francesa de 1789-1794.

Estes governos se servem do “ensino da ignorância” promovido como método geral da educação para fabricar indivíduos “aptos” a aceitar e considerar justificadas as leis que regem a sociedade de mercado do capital.

Que destino para a poesia?

O regresso dos “deuses” tal que Pessoa ou Heidegger o evocaram é ainda possível num mundo totalmente “desencantado”, onde o capital aparece cada vez mais como única mediação entre o Homem e o Universo?

A poesia deixou de ter um conteúdo porque faltam as bases ontológicas e metafísicas, o «chão da origem» (Heidegger) é o único a permitir ao homem de se manter direito, de pé, na verticalidade.

A poesia hoje não representa nenhuma função social num mundo que assiste à inexorável extensão e consolidação da economia mundial globalizada. Quando todos os indivíduos tendem a transformar-se em accionistas e consumidores, a poesia tende, ela, a tornar-se numa expressão clandestina subterrânea e marginalizada.

Nesse sentido ela pode ainda ser uma expressão radical da verticalidade estética e ética da revolta absoluta contra um mundo quase integralmente desumanizado. Se a poesia se não pode substituir à exigência revolucionária dos oprimidos, pelos menos ela poderá contribuir para desmoronar o edifício carceral da linguagem empobrecida da *noulangue* a *nova lingua* da comunicação actual.

